

Outros trabalhos de Louise Erdrich

ROMANCES

Love Medicine
A Rainha da Beterraba
Tracks
The Bingo Palace
Histórias de Amor Ardente
The Antelope Wife
Antelope Woman
The Last Report on the Miracles at Little No Horse
The Master Butchers Singing Club
Four Souls
The Painted Drum
The Plague of Doves
Shadow Tag
A Casa Redonda
La Rose
Future Home of the Living God
The Night Watchman

CONTOS

The Red Convertible: New and Selected Stories

POESIA

Jacklight
Baptism of Desire
Original Fire

PARA CRIANÇAS

Grandmother's Pigeon
The Range Eternal

THE BIRCHBARK HOUSE SERIES:

The Birchbark House, The Game of Silence,
The Porcupine Year, Chickadee, Makoons

NÃO FICÇÃO

The Blue Jay's Dance
Books and Islands in Ojibwe Country

A
Sentença

AMOSTRA
Louise Erdrich

Tradução de CELINE SALES e LÍVIA RODRIGUES



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

*Para todos que já trabalharam na Birchbark Books,
para nossos clientes e para nossos fantasmas.*

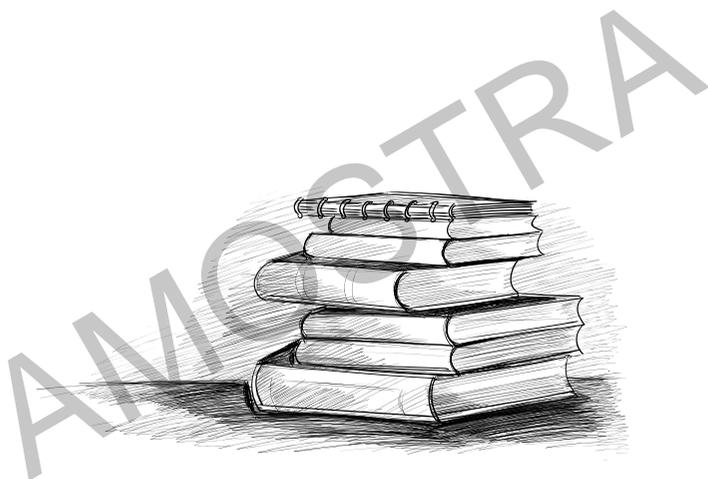
AMOSTRA

*Desde o seu nascimento até a sua morte, toda palavra
que você pronuncia é parte de uma única e longa sentença.*

— SUN YUNG SHIN, *UNBEARABLE SPLENDOR*

AMOSTRA

O TEMPO E O CASTIGO



Da Terra à Terra

ENQUANTO ESTAVA NA PRISÃO, eu recebi um dicionário. Haviam mandado para mim com um bilhete: “*Este é o livro que eu levaria para uma ilha deserta.*” Minha professora mandara outros livros, mas, como se ela soubesse, esse mostrou ter valor infundável. A primeira palavra que eu procurei foi “sentença”. Eu tinha recebido uma sentença impossível, de sessenta anos, da boca de um juiz que acreditava na vida após a morte. Então essa palavra, com seu ç escancarado, seus pequenos e agressivos és, seus *enes* duplos e sibilantes, essa lástima repetitiva em forma de palavra, feita de letras dissimuladas e apunhalantes que envolvem um *t* humano isolado, *essa* palavra estava em meus pensamentos a cada minuto de cada dia. Se o dicionário não tivesse chegado, essa palavra leve, mas que pesava tanto sobre mim, teria me esmagado, ou o que restara de mim após a bizarrice do que eu tinha feito.

EU ESTAVA numa idade perigosa quando cometi meu crime. Apesar de estar na casa dos trinta, eu ainda me agarrava às ocupações e aos hábitos mentais de uma adolescente. O ano era 2005, mas eu festejava como se estivesse em 1999, bebendo e me drogando como aos 17 anos — embora meu fígado insistisse em me dizer que mais de uma indignada década tinha se passado. Por muitas razões, eu ainda não sabia quem eu era. Agora que tenho uma ideia melhor, te digo uma coisa: eu sou uma mulher feia. Não aquele tipo de feia sobre a qual os rapazes fazem filmes ou escrevem, que repentinamente tem uma explosão didática de beleza ofuscante. Não sou adepta dos momentos pedagógicos. Nem sou bonita por dentro. Gosto de mentir, por exemplo, e sou boa em vender coisas inúteis aos outros, por preços que eles não podem pagar. Claro, agora que estou reabilitada, só vendo palavras. Coleções de palavras entre capas de papelão.

Livros contêm tudo que vale a pena saber, exceto o que realmente importa.

NO DIA em que cometi meu crime, eu estava esparramada nos pés brancos e magros da minha paquera, Danae, tentando lidar com uma invasão interna de formigas. O telefone tocou e Danae atendeu. Ela escutou, ficou de pé num pulo e gritou. Apertou o telefone com as duas mãos e fechou a cara. Então arregalou os olhos, que ficaram marejados.

Ele morreu nos braços da Mara. Ah, meu Deus. Ela não sabe o que fazer com o corpo dele!

Danae atirou o telefone longe e se jogou de novo no sofá, uivando e batendo suas pernas e seus braços de aranha. Rastejei para debaixo da mesinha de centro.

— Tookie! Tookie! Cadê você?

Fui me arrastando até as almofadas rústicas de alce e tentei acalmar minha desvairada amada, embalando-a e segurando sua desalinhada cabeça loira contra o meu ombro. Danae era mais velha do que eu, mas era frágil como uma garota penugenta na puberdade. Quando ela se enroscou em mim, senti meu coração disparar e me tornei seu escudo contra o mundo. Ou talvez fortaleza represente melhor a ideia.

— Está tudo bem, você está segura — falei, em minha voz mais rouca. Quanto mais ela chorava, mais feliz eu me sentia. Estava satisfeita com suas fungadas carentes. — E não se esqueça, você é uma grande vencedora!

Dois dias antes, Danae tinha conseguido uma vitória inédita no cassino. Mas era muito cedo para conversar sobre o lindo futuro. Danae estava agarrando a garganta, tentando rasgar a traqueia, e batendo a cabeça contra a mesinha de centro. Tomada por uma força incomum, ela quebrou uma lâmpada e tentou se cortar com um pedaço de plástico. Mesmo tendo todas as razões para viver.

— Foda-se a vitória. Eu quero ele! Budgie! Ah, Budgie, minha alma! — Ela me empurrou para fora do sofá. — Ele devia estar comigo, não com ela. Eu, não ela!

Eu ouvira essa lenga-lenga durante o último mês. Danae e Budgie tinham planejado fugir juntos. Uma completa subversão da realidade. Ambos alegavam ter tropeçado em uma dimensão alternativa de desejo, mas então o velho mundo passou a perna neles. Um belo dia, Budgie ficou sóbrio e voltou para Mara, que não era uma pessoa tão ruim assim. Por exemplo, ela ficou limpa e permaneceu limpa. Era o que eu achava, pelo menos. Por agora era possível que o esforço de

Budgie para voltar a ser normal tenha falhado. Embora seja normal morrer.

Danae estava uivando.

— Não sabe o que fazer com o corpo dele! Como, como, como assim?

— Você está consumida pela perda.

Dei a ela um pano de prato para as lágrimas. Era o mesmo pano de prato com o qual eu tentara matar as formigas, mesmo sabendo que estava alucinando. Ela colocou o tecido no rosto, balançando-se para frente e para trás. Tentei não olhar para as formigas esmagadas que escorriam entre as mãos dela. Elas ainda estavam contraindo as perninhas e agitando as delicadas antenas. Uma ideia atingiu Danae, que estremeceu e congelou. Em seguida, ela girou o pescoço, seus grandes olhos cor-de-rosa brilhando na minha direção, e disse estas palavras inquietantes:

— Budgie e eu somos um. Um único corpo. Eu devia ficar com o corpo dele, Tookie. Quero Budgie, minha alma!

Deslizei até a geladeira e achei uma cerveja. Trouxe-a para ela, mas ela afastou meu braço para longe.

— É hora de ficar com a cabeça no lugar!

Tomei a cerveja de um gole só e disse que era hora de ficarmos chapadas.

— A gente já está chapada! Loucura é ela, que negou sexo pra ele por um ano, estar com o corpo divino de Budgie.

— Ele tinha um corpo comum, Danae. Não era um deus.

Ela não estava me ouvindo e as formigas eram das vermelhas. Eu estava deixando meus braços em carne viva de tanto coçar.

— Vamos entrar lá — declarou Danae. Os olhos dela estavam vermelhos como chamas. — Vamos entrar lá como os malditos Fuzileiros. Vamos trazer Budgie pra casa.

— Ele está em casa.

Ela bateu no peito.

— Eu, eu, eu sou a casa.

— Eu vou embora.

Fui rastejando até a porta. E daí veio a reviravolta.

— Espere. Tookie. E se você me ajudasse a pegar o Budgie? Trazer ele aqui? Pode ficar com o meu prêmio. É um ano de salário, tipo, pra uma professora, querida! Quem sabe uma diretora? São 26 mil.

Congelei no tapetinho pegajoso da entrada, pensando, de quatro.

Danae sentiu meu assombro. Dei marcha à ré, me virei e olhei para cima, para seus traços de algodão-doce de cabeça para baixo.

— Dou pra você de graça. Só me ajude, Tookie.

Eu já tinha visto muita coisa no rosto dela. Tinha visto a centelha brilhar, as rodas-gigantes de papel-alumínio, e mais. Os quatro ventos viajarem pelo mundo de grande trançado verde. As folhas espremidas formarem um tecido falso, obstruindo minha visão. Mas nunca tinha visto Danae me oferecer dinheiro. Nenhuma quantia de dinheiro. E esse valor podia arrumar minha vida. Era perturbador, tocante, e a coisa mais significativa que já acontecera entre nós.

— Ah, querida...

Coloquei os braços em volta dela e ela arfou como um filhotinho, abrindo a boca úmida e carnuda.

— Você é minha melhor amiga. Pode fazer isso por mim. Pode trazer o Budgie. Ela não te conhece, Mara nunca te viu. Além disso, você tem o caminhão frigorífico.

— Não tenho mais. Fui demitida da North Shore Foods.

— Não! — gritou ela. — Por quê?

— Porque às vezes eu vestia as frutas.

Eu colocava melões no sutiã quando entregava as compras, esse tipo de coisa. Pepinos dentro da calça. Será que isso era assim tão terrível? Meus pensamentos foram longe. Como sempre acontecia quando tinha um emprego, eu fazia uma cópia das chaves. Assim, quando era inevitavelmente mandada embora, eu devolvia só as chaves originais. Guardava as cópias em uma caixa de charutos, claramente identificadas com suas utilidades. Lembranças dos meus empregos. Era só uma mania, sem intenção de maldade.

— Danae, olha, acho que você precisaria ter uma ambulância, ou um carro funerário, ou algo desse tipo.

Ela bateu no meu braço, para cima e para baixo, em ritmo de súplica.

— Mas, Tookie! Escute. Com atenção. Escute! Com atenção!

Prestei atenção em outra coisa. As batidinhas eram gostosas. Finalmente, ela atraiu o meu olhar de volta e falou como se eu fosse uma criança irracional:

— Então, Tookie, querida! Mara e Budgie tiveram uma recaída juntos e ele morreu. Se usar um vestido bonito, ela vai deixar você colocar o corpo dele na traseira do caminhão.

— Danae, os caminhões têm ameixas e bacon pintados na lateral, ou bife e alface.

— Não deixe ela ver o caminhão! Você vai levantar ele e jogar pra dentro. Ele vai estar... — por um momento, Danae não conseguiu prosseguir, engasgando como um bebê — seguro no ambiente refrigerado. Daí o dinheiro...

— Sim.

Meu cérebro acelerou com a adrenalina que antecipava dinheiro, e meus pensamentos surgiam furiosamente. Eu conseguia sentir meus neurônios faiscarem. A voz de Danae ficou suave e sedutora.

— Você é grande. Pode levantar ele. Budgie é mais pra pequeno.

Eu disse que Budgie era minguido como um rato, mas ela não deu bola. Seus olhos brilhavam por entre as lágrimas, porque ela sabia que eu estava pronta para fazer o que ela queria. Naquele instante, meu emprego atual assumiu o controle. Leitora de contratos. Era o que eu fazia, na época. Uma assistente jurídica de meio período que lia contratos e definia os termos. Falei para Danae que queria o acordo por escrito. Nós duas assinaríamos.

Ela foi direto até a mesa e escreveu alguma coisa. E então fez algo melhor. Escreveu um cheque, zero atrás de zero, e o acenou para mim.

— Coloque o seu vestido. Se arrume. Vá buscar Budgie. E o cheque é seu.

Ela me levou até a North Shore. Caminhei até o depósito. Quinze minutos depois, eu estava saindo com um caminhão de entregas. Eu usava sapatos de salto, um vestido de festa preto dolorosamente justo e uma jaqueta verde. Meu cabelo tinha sido escovado para trás e borrifado com spray, e Danae tinha aplicado a maquiagem bem rápido. Era minha melhor aparência em anos. Eu carregava um caderno com uns documentos, que tiramos da pilha de trabalhos escolares da filha de Danae. Tinha uma caneta na bolsa.

O que Danae faria com Budgie, quando o tivesse? Essa pergunta ficou na minha cabeça durante o rápido percurso. Que raios ela ia fazer? Não havia resposta. As formigas brotaram por debaixo da minha pele.



BUDGIE E Mara viviam a oeste de Shageg, a cidade cassino, na fronteira entre Wisconsin e Minnesota. Moravam em uma casa pequena, cinza e decadente. Estacionei na rua, onde o caminhão não ficaria

tão à vista. Um pitbull mestiço deitado, preso na coleira na lateral da casa, levantou a cabeça. Mas não latiu, o que gelou minha espinha. Já fui pega de surpresa pelos silenciosos antes. O que não foi o caso deste. Seus olhos sem cor se fecharam e eu apertei a campainha, que devia ter sido instalada em tempos melhores. De dentro soou um civilizado *din-dong*. Mara se atrapalhou com a porta, escancarando-a.

Encarei seus olhos vermelhos, inchados de tanto chorar, com simpatia.

— Sinto muito pela sua perda.

Estendemos as mãos e apertamos os dedos do jeito que as mulheres fazem: transmitindo emoção através das unhas malfeitas. Mara estava curiosamente encantadora para alguém que não sabia o que fazer com um corpo, e jogava para trás a cabeleira retrô estilo Joan Jett. No fim, ela tinha suas razões.

— Certo, eu pensei em chamar os bombeiros, mas não queria a sirene! Ele parece tão calmo e feliz. E não gosto de funerárias. Meu padrasto era agente funerário. Não quero que encham o Budgie de conservantes e que ele fique parecendo uma peça de museu de cera. Daí pensei em lançar pro universo... fazer algumas ligações...

— Porque você sabia que o universo ia atender. O natural é mesmo devolver à natureza.

Ela ficou de lado e eu entrei na casa. Mara piscou os inocentes olhos castanho-esverdeados para mim. Assenti, com sábia compaixão, e liguei o modo vendedor, no qual tudo o que sai da minha boca é fruto da intuição sobre o que o comprador realmente deseja. Em parte, meu rosto duro faz com que eu pareça digna de confiança. Em parte, faz com que eu seja ótima em tentar agradar às pessoas. Em especial, mirar nas necessidades profundas das pessoas é minha melhor habilidade. Peguei minhas deixas das perguntas que Mara fez.

— O que você quer dizer com devolver à natureza?

— Não usamos químicos. É tudo biodegradável.

— Usam o que, então?

— Um retorno à terra. Como pretende nossa psicoespiritualidade. Por isso o nosso nome: Da Terra à Terra. E árvores. Nós cercamos seus entes queridos de árvores. Pra que cresça um bosque. Nosso lema é: Das Sepulturas para os Bosques. Você pode ir até lá e meditar.

— Onde fica esse lugar?

— No tempo certo, vou levar você lá. Mas agora preciso auxiliar Budgie no começo da sua jornada. Pode me mostrar onde ele jaz?

A palavra “jaz” fez eu me encolher por dentro — exagerei na farsa? Porém Mara já estava me mostrando o caminho.

O QUARTO DOS FUNDOS da casa de Mara e Budgie estava cheio de mercadorias ainda embaladas — parece que eles tinham um problema que eu poderia ajudar a resolver —, mas deixei isso para depois. Budgie estava deitado em travesseiros manchados com a boca meio aberta, como se apertasse os olhos perplexos ante à pilha de recipientes plásticos em um dos cantos. Era como se a causa da morte tivesse sido uma leve confusão. Entreguei alguns documentos a Mara. Eram formulários de autorização para passeios escolares da filha de Danae, que peguei de cima do balcão. Mara leu os papéis com cuidado e eu tentei esconder meu pânico. Poucas pessoas liam formulários oficiais. Às vezes parecia que eu era a única, obviamente devido ao meu emprego atual. Por outro lado, às vezes algumas pessoas fingiam ler apenas com os olhos, e não com o cérebro. Mara estava fazendo isso. Ela se retraiu ao escrever o nome de Budgie no primeiro espaço em branco. Então assinou os formulários com um ar consternado de fatalidade, pressionando a caneta com força nas hastes do M no final.

Esse gesto sincero me tocou. Não sou sem coração. Fui até o caminhão e procurei atrás das caixas refrigeradas de laticínios, onde eu sabia que havia uma cobertura de lona. Levei para dentro e estiquei ao lado do corpo de Budgie, que ainda estava ligeiramente flexível. Ele vestia uma camiseta de manga comprida sob uma falsa camiseta vintage do Whitesnake. Rolei o corpo até a lona e consegui endireitar suas pernas e cruzar seus braços sobre o peito, como se ele fosse, digamos, um discípulo de Hórus. Fechei os olhos inquisidores dele, e eles permaneceram fechados. Enquanto estava fazendo isso tudo, pensava: *faça agora, sinta depois*. Mas encostar os dedos nas pálpebras dele me atingiu. Para sempre na ignorância. Eu precisava de alguma coisa para segurar o queixo dele, mas no caminhão só tinha corda elástica.

— Mara, você prefere que eu vá até o veículo e pegue cordas elásticas, ou você tem uma echarpe que possa dar pro Budgie, como um símbolo do seu amor na próxima vida? Sem estampa floral, se possível.

Ela me deu uma longa echarpe de seda azul, com estampa de estrelas.

— Budgie me deu de presente no nosso aniversário de casamento — disse ela, muito quieta.

Fiquei surpresa, porque até onde eu sabia Budgie era sovina. Talvez a echarpe tenha sido um presente do tipo *estou ferrado*, dado pelo esposo culpado que retorna à casa. Enfaixei a cabeça de Budgie com a echarpe para segurar a mandíbula fechada, e dei um passo para trás. Imaginei se não seria essa a minha vocação, pois, de repente, ele tinha uma aparência sábia e sobrenatural. É como se ele tivesse fingido ser um cretino em vida, mas na verdade fosse um sacerdote xamânico.

— Ele parece... onisciente — disse Mara, impressionada.

Nós entrelaçamos os dedos de novo, e tudo começou a ganhar um significado devastador. Eu quase desmoronei e larguei Budgie ali. Agora eu preferia ter largado, é claro. Mas minha sempre confiável faceta de vendedora tomou conta e manteve o ritmo das coisas.

— Tudo certo, Mara. Vou dar início à próxima fase da jornada de Budgie, e geralmente isso dá mais certo quando a pessoa enlutada toma uma xícara de chá e medita. Você não vai querer impedir que ele se vá.

Mara inclinou o corpo e beijou a testa do marido. Então se endireitou, respirou fundo e foi até a cozinha. Ouvi água correndo, talvez para encher uma chaleira, então rolei o corpo de Budgie da forma como um bombeiro faria para conseguir carregá-lo. Enquanto Mara estava fazendo o chá, saí com ele pela porta, passei pelo pitbull deprimido e depositei o corpo na traseira do caminhão. Tive que chutar os saltos longe e subir no veículo a fim de puxá-lo para dentro. A adrenalina ajudou, embora meu vestido tenha rasgado. Me ajeitei atrás do volante e o levei até Danae.

Ela estava esperando na varanda. Saí do caminhão. Ela veio correndo, mas, antes de entregar Budgie, balancei os dedos para ela. Danae pegou o cheque do bolso de trás da calça jeans e o desdobrou, mas disse que tinha que ver o corpo primeiro. Lambeu os lábios carnudos e sorriu. Como se eu estivesse entregando uma pedra.

Meu amor por Danae se desprende de mim como pele morta. Às vezes, uma pessoa te mostra alguma coisa. Ou tudo. Budgie tinha alcançado uma dignidade calma, enquanto Danae estava grotescamente ávida. Eu não podia juntar essas duas coisas. Fomos até a traseira do caminhão. Estendi a mão e removi a lona, mas evitei olhar tanto para Budgie quanto para Danae. Ela me deu o cheque e subiu para ficar ao lado dele. Eu me certifiquei de que o cheque estava corretamente assinado, então me afastei do caminhão, aliviada. Pelo que fiz na sequência, ficou claro que eu não sou uma ladra de corpos

profissional, como alegaram depois. Eu fui embora. Joguei as chaves no banco do motorista do caminhão, e entrei no meu pequeno e velho Mazda. Saí de lá em dois tempos. Quer dizer, eu devia ter ajudado Danae a levar o corpo de Budgie para dentro da casa. Eu devia ter levado o caminhão de volta. Não, espera. Eu nem deveria ter pegado o corpo de Budgie, pra começo de conversa. Mas deixar o corpo no caminhão frigorífico foi o que realmente me prejudicou no final.

Isso e não olhar o sovaco dele. De qualquer forma...

Ainda era o meio da tarde, então fui direto ao banco depositar o cheque. Retirei o valor no saldo da minha conta antes da compensação: sessenta dólares. Com essas notas de vinte na bolsa, eu dirigi e tentei me distanciar, dizendo a mim mesma para respirar e não olhar para trás. Fui até o bar/churrascaria que costumava frequentar quando estava cheia de grana. Ficava a apenas alguns quilômetros seguindo pela rodovia, para dentro da mata. No Lucky Dog, pedi um uísque e um filé de costela caprichado, que veio com salada verde e batata assada recheada. Delicioso. Meus sentidos acordaram. A refeição e o dinheiro me curaram. O uísque matou as formigas. Eu era uma nova pessoa, uma cujo destino final não seria encarar uma pilha de potes de plástico. Uma pessoa cujo destino tinha sido forjado por circunstâncias incomuns. Refleti sobre a minha explosão de criatividade. O negócio que eu inventara no desespero, Da Terra à Terra, tinha chance de dar certo. As pessoas procuravam alternativas. Além disso, a morte não poderia ser afetada pela recessão, nem poderia ser terceirizada para outro país com facilidade. Eu sabia que existiriam leis, obstáculos e regulamentos, mas, com o adiantamento de Danae, eu poderia arrumar minha vida.

Enquanto planejava meu futuro promissor, ele se sentou no banco à minha frente. Minha nêmesis. Minha outra paquera.

— Pollux. Minha consciência Potawatomi.¹ Cadê o uniforme fofo da polícia tribal?

Pollux já tinha sido um lutador de box habilidoso. O nariz dele era amassado e a sobrelanceira era falhada. Ele tinha um dente falso. Os nós dos dedos eram calombos desiguais.

¹ Os Potawatomi são uma etnia nativo-americana que atualmente reside no estado de Oklahoma. Seu nome significa “pessoas do lugar do fogo”. [N. da T.]

— Não estou de serviço, mas estou aqui por uma razão. — Meu coração deu um pulo. Temia que Pollux estivesse aqui para oferecer um serviço especial. — Tookie. Você sabe o que vou dizer.

— Que a gente tem que parar de se encontrar assim?

— Eu sabia que era você quando vi o caminhão. Original.

— Mostra que eu sou inteligente.

— A aldeia não te mandou pra faculdade à toa.

— Mandou sim.

— Vamos fazer assim. Te pago outro uísque antes que a gente encare toda a dor de cabeça.

— Eu ia começar um negócio lindo, Pollux.

— E ainda pode. Em vinte anos, no máximo. Você fez um bom trabalho, na verdade. O foco estava nas suas amigas. Se ao menos elas não tivessem ficado histéricas e começado a falar de você.

(Danae, Danae! Outra ingratidão.)

— Sei que está brincando sobre os vinte anos. Pronto, já me assustou. Você falou com a Mara?

— Falei, e ela elogiou o seu serviço e a sua paixão, mesmo depois que a gente contou que tinha sido coisa da Danae.

— É mesmo?

Fiquei satisfeita, apesar das circunstâncias. Mas ele não tinha admitido que estava exagerando para me intimidar.

— Pollux, dê um desconto pra sua velha amiga Tookie. E o que é essa história de vinte?

— Tenho ouvido algumas coisas. Você pode estar... quer dizer, com os seus antecedentes, nunca se sabe. Pode ser o dobro.

Agora eu estava tentando não hiperventilar. Ainda tinha uma coisa faltando. Um crime.

Por debaixo da cicatriz da sobrancelha, Pollux me encarou com aqueles tristes olhos escuros. Ele encarava o abalo nervoso do meu coração. Mas então percebi que ele estava em conflito.

— O que foi? Por que a porra dos vinte anos?

— Não é minha função descobrir se você sabia, ou não, o que Budgie levava.

— Levava? O que ele sempre levou, uma vida patética de mentiras. E você não respondeu à minha pergunta.

— Você conhece as regras. Mas ajudaria se você não depositasse aquele cheque.

— Não sou idiota. Claro que já depusitei.

Ele não disse nada e ficamos mais um pouco sentados. A sobrançelha falhada baixou. Ele bebia o uísque e perscrutava meus olhos com tristeza. Dependendo da iluminação, eu até posso ser considerada marcante — no estilo motoqueira —, mas Pollux definitivamente deveria ser considerado feio, seja qual for a luz. Mas para um homem, um lutador, isso não é uma coisa negativa. Chamam de rústico. Ele desviou os olhos. Sabia que a encarada dele era muito boa para ser verdade.

— Agora me conta. Vinte anos?

— Você finalmente estragou tudo, Tookie.

— Era um cheque gordo. Pensei em caridade, sabe? Depois das despesas do negócio...

— Não tem a ver com o cheque, embora ele vá ser considerado. Mas, Tookie, furtar um corpo? E com o que ele levava? Isso é mais do que roubo qualificado. Fora o caminhão...

Quase me engasguei. Realmente me engasguei. Lágrimas chegaram a brotar. Eu sequer tinha considerado que o que estava fazendo era crime. Roubo qualificado soa bem, a não ser que você esteja olhando para o tempo da pena.

— Pollux, eu não estava roubando! Estava realocando um corpo. Fazendo um favor a uma amiga. Tá, e peguei um caminhão emprestado. O que você queria que eu fizesse quando ela gritou “*Budgie, minha alma*”?

— Tudo bem, Tookie. Mas você depositou o cheque. Além do mais, o caminhão era refrigerado. Vai que você fez isso pra armazenar partes do corpo.

Eu não conseguia falar.

Pollux pagou aquela bebida para mim.

— Você é único — falei, enfim. — E é um Potawatomi. Irmão de aldeia.

— E amigo. Nós certamente nos conhecemos há uma eternidade. Evoluímos juntos nas costas da tartaruga.² Ah, Tookie, minha eterna...

— Eterna o quê?

² Na tradição nativo-americana, as costas da tartaruga representam a criação da Ilha da Tartaruga, também conhecida como continente norte-americano. O casco da tartaruga é o símbolo do paraíso, enquanto a parte de baixo simboliza a terra. A tartaruga é um animal cuja magia une o céu e a terra. [N. da T.]

Ele não respondeu. Perguntei de novo.

— Vamos reduzir a pena — disse ele. — Vou testemunhar em seu favor. Talvez a gente consiga um acordo. Não acho que roubar um corpo seja um crime tão grave assim. E você não sabia...

— É isso aí. Por que é um crime? É só o Budgie.

— Eu sei. E a questão de remover partes...

— É uma babaquice. Ele nem estava fresco o suficiente pra vender.

Pollux me olhou com seriedade e disse para eu não repetir isso no tribunal.

— A reserva não vai se envolver — continuou. — A competência é federal. As pessoas de lá não conhecem seu senso de humor. Seu charme. Você vai ser só uma índia grandona com cara de brava, como eu. Embora...

Ele ia continuar, mas interrompi.

— Só que você se tornou um policial da reserva. Escolha inteligente.

— Você poderia ser qualquer coisa. Isso faz meu cérebro fritar. Faz meu coração — ele tocou delicadamente o peito — virar de cabeça pra baixo. Se torcer em um nó. É como se você nunca tivesse aprendido que são as nossas escolhas que fazem a gente chegar aonde está.

Era uma verdade incontestável, mas eu não conseguia responder. Minha cabeça tinha sido invadida por pensamentos.

Nós nos encaramos. Enrolei as mangas da minha jaqueta verde e deslizei os braços através da mesa. Foi quando ele tirou as algemas e me prendeu. Bem ali.



NÃO sou muito de assistir à televisão, por isso, enquanto aguardava o julgamento na cadeia, usei minha ligação telefônica para pedir à Danae que me trouxesse alguns livros. O número estava desligado. Mais tarde liguei para Mara e foi a mesma coisa. Para minha surpresa, foi a minha professora da sétima série da escola da reserva que me socorreu. Sempre pensei que Jackie Kettle tinha sido boa comigo porque era muito jovem e era o primeiro ano dela como professora. Mas parece que ela continuou acompanhando seus alunos. Jackie descobriu que eu estava na cadeia, foi numa feira e comprou uma caixa de livros por um dólar. Eram principalmente de autoajuda, ou seja, cômicos. Mas tinham dois ou três que aparentemente faziam parte da leitura escolar obrigatória. Do ano passado. Eles me deixaram ficar

com um velho exemplar do *Norton Anthology of English Literature*, e ele me ajudou a aguentar. Eu não recebia muitas visitas. Pollux veio uma vez, mas acho que começou a chorar, então foi isso. Danae tinha me arrebatado com a história dela, que transformou o que eu fiz em uma coisa especial e tal — ela não estava pensando direito. Eu a perdoei, mas não queria vê-la. De qualquer forma, a antologia fez o tempo passar, até que chegou a hora de falar com L. Ron Hubbard. Sim, nossa aldeia tinha um advogado de defesa que era cientologista. É isso que acontece com os guardiões da terra. Mas o nome dele não era de fato L. Ron Hubbard, nós só o chamávamos assim. O nome dele era Ted Johnson. Ted e eu nos encontrávamos sempre na mesma salinha deprimente. Ele era a pessoa mais sem graça que já existira, desajeitado em seus ternos folgados demais da Men's Wearhouse, gravatas largas da década de oitenta e uma semicareca de cabelo ondulado que crescia ao redor das orelhas, e ele teimava em colocar para trás. Ele tinha um rosto redondo monótono, com olhos verdes opacos e pupilas minúsculas, frias como brocas. Infelizmente, ele não estava escondendo nenhuma perspicácia sobrenatural.

— Tookie, estou surpreso.

— Você está surpreso, Ted? Eu é que estou. Quem fez disso um crime?

— É furto de cadáver!

— Não foi furto. Eu não fiquei com o corpo.

— Boa. Vou usar isso. Mas você aceitou um pagamento de mais de 25 mil dólares, o que tem previsto legal etc.

— Previsto? Você não quis dizer previsão?

— Sim, como eu disse.

Ted não se abalou. Eu estava encrencada.

— O corpo humano vale 97 centavos — contei. — Fervido e reduzido aos próprios minerais, e assim por diante.

— Boa. Vou usar isso. — Ele pausou. — Como você sabe?

— Meu professor de química do colégio. — Então me ocorreu o quanto o Sr. Hrunkl era tapado, e que, em alguns mercados clandestinos que vendiam partes de corpos, Budgie possivelmente valeria muito mais. Senti frio e continuei falando: — Escute, Ted. O dinheiro de Danae foi uma coincidência. Eu peguei pra guardar. Sou a melhor amiga dela e fiquei com medo de que ela fizesse alguma idiotice com ele, por causa do luto. Eu estava guardando o dinheiro pra ela. Assim que você me tirar daqui, vai voltar pra conta dela. E Danae com certeza vai desperdiçá-lo.

— Claro. Vou usar isso.

— Então qual é a estratégia?

Ted olhou para suas anotações.

— Você não ficou com o corpo, que fervido vale só 97 centavos.

— Melhor deixar de fora o “fervido”. E provavelmente custa mais agora. Inflação.

— Ok. Você estava guardando o dinheiro de Danae, pra que ela não o gastasse enquanto estivesse boba por conta da tristeza.

— Louca de tristeza. E sou a melhor amiga dela. Escreva isso aí.

— Sim. Vamos ficar bem! Vou te soltar!

Ele aparentava estar precisando de uma soneca. Mas, antes de cochilar, sussurrou algo estranho:

— Você sabe o que estava grudado no corpo, certo?

— Acho que algum tipo de etiqueta. Tipo “falecido”.

— Não, embaixo da camiseta.

— A camiseta do Whitesnake. Clássica. Fitas cassete velhas?

O rosto de Ted se enrugou, em um esforço para avaliar o que eu estava pensando. Ele olhou para os lados, como se estivesse paranoico, e depois balançou a cabeça.

— É muito arriscado falar. Você vai ser procurada pela Divisão Antidrogas da Polícia Federal, ou alguém desse tipo. Sei lá, quem sabe apenas a polícia local. Tem mais coisa aqui do que você sabe. Ou talvez *saiba*. Não tenho nada a ver com isso.

— Isso o quê?

Ele levantou e jogou, apressado, os papéis dentro da pasta de plástico.

— Isso o quê?

Eu levantei e gritei:

— Volte aqui, Ted! Isso o quê?



TED VOLTOU alguns dias depois, com mais sono ainda. Ele ficava esfregando os olhos e bocejando na minha cara.

— Então, Danae e Mara finalmente desistiram — falou.

— Estavam tomadas pela tristeza, cada uma de um jeito diferente.

— Não desistiram desse jeito. Quis dizer que começaram a falar.

— Que bom! Elas deviam mesmo conversar sobre a perda. Legal elas se apoiarem nesse momento.

— Estou começando a achar que você não sabia de nada mesmo.